

Os Craôs Mortos no Ataque de 1940

Informações recolhidas por Julio Cezar
Melatti, 1962 a 1971, com alguns
comentários do mesmo pesquisador

Brasília
2009 (retocado em 2011)

Os craôs mortos no ataque de 1940

Julio Cezar Melatti

Anotei em minha caderneta de campo (17/1/1963) que o ataque dos fazendeiros aos craôs ocorreu no dia 25 ou 26 de agosto de 1940. Como num outro depoimento (D1: 389-91) consta que aconteceu num domingo, então foi no dia 25. Nunca cheguei a consultar o processo judicial referente ao ataque. Os dados de que disponho são constituídos por informações que me concederam os próprios craôs e os habitantes não índios da região. Tento aqui recuperar o número e a identidade dos índios que morreram com base nessas informações, anotadas em pesquisas de campo realizadas entre 1962 e 1971.

Examinando essas anotações, percebo que em nenhuma vez em que tentei arrolar as vítimas fatais indígenas do ataque de fazendeiros de 1940 tive uma lista completa. Depois de agrupar os mortos lembrados nas diferentes informações, separei-os em quadros conforme sua aldeia de origem e os locais em que foram assassinados. Essa distribuição tem algumas vantagens: a) permite fazer uma idéia de como se desenvolveu a chacina; b) facilita a identificação dos mortos, pois aqueles que morreram juntos deveriam estar agrupados em alguma atividade ou já escondidos dos agressores conforme suas relações, sobretudo de parentesco; c) possibilita suspeitar de algumas repetições, considerando que vários indivíduos têm os mesmos nomes pessoais e cada nome é composto de várias palavras, não sendo improvável que, em alguns casos, a mesma pessoa tenha sido referida por uma palavra numa entrevista e por outro componente se seu nome em outra.

As aldeias craôs são conhecidas geralmente pelos nomes dos locais onde se instalam e também por aqueles onde estiveram anteriormente. Para facilitar a sua identificação atribuí um número a cada aldeia. A aldeia 1 é aquela que, já no tempo de Curt Nimuendaju, em 1930, era conhecida como Pedra Branca; no tempo do ataque estaria em Bacaba. A aldeia 2 é a que Nimuendaju conheceu como Pedra Furada, a mesma que em tempos anteriores estivera em Cachoeira, local ao qual retornou no final dos anos 1960; no tempo do ataque estaria em Cabeceira Grossa. A aldeia 3 é a que Nimuendaju diz ter estado em Gameleira e depois em Donzela, estando em processo de cisão no tempo daquele pesquisador; a parte maior resultante dessa cisão veio ser conhecida como Galheiro e também Serrinha. Esses números são seguidos de um ponto após o qual vai outro número, que se refere a partes resultantes da aldeia original.

Na primeira coluna dos quadros, espero indicar cada morto com um número de registro, modo que tenho utilizado para não confundir indivíduos com o mesmo nome indígena ou o mesmo nome de origem regional. Tal numeração é a mesma que utilizei em minha tese, só que acrescida pelo registro de mais outros indivíduos. Entretanto, ainda não cunhei números para todos. Vez por outra as pessoas que me passaram as informações também são assim assinaladas. Esses números dão acesso a mais informações no [arquivo pessoas](#).

Na última coluna dos quadros indico como fontes as páginas de meus cadernos onde anotei as informações durante a pesquisa de campo.

Nesses comentários utilizo, para escrever os nomes dos craôs, a mesma grafia que utilizei no livro *Ritos de uma Tribo Timbira* (São Paulo: Ática, 1978), segundo os

critérios que indico nas páginas 17-18 do mesmo livro. Entretanto, nas transcrições de minhas notas, deixo os mesmos nomes da forma como então os escrevi.

Quadro 1
Mortos perto de Itacajá, moradores da aldeia de Bacaba [1.0]

n°	Nome	Sexo	Idade	Relação	Fonte
	Homprui	fem.	grávida	irmã de Amaro {185}	D1: 421; D2: 147, 265
	Hoyarin	fem.	menina	filha de Homprui	D1: 373
	Poyoi	fem.	18 anos	sobrinha da mulher de Gabriel	D1: 373, 421; D2: 265
1257	Popró, Poprã	masc.	16 anos	filho de Wocô, irmão de Antônio da Silva {233}	D1: 373, 421, D2: 147, 265
	Pokampen Tãtã	masc.	16 anos		D1: 373, 421; D2: 147, 265

No Quadro 1 estão relacionados aqueles que morreram próximo a Itacajá. Os craôs Pedro Noleto e Moisés estavam com algumas mulheres e rapazes num engenho pertencente a um regional chamado Pernambucano, num lugar denominado Santa Maria. Ao mesmo tempo, num lugar próximo, São Miguel, um grupo de caçadores craôs eram traiçoeiramente convidados a comer, enquanto se procurava afastá-los de seus arcos e flechas. Os agressores caíram de facões sobre essas armas, destruindo-as, correndo a seguir para os rifles. Mas os índios escaparam. Mas no engenho do Pernambucano conseguiram matar todos os índios, menos Pedro Noleto {65}, Moisés e Kuikô, que fugiram. Kuikô foi baleada no peito e Moisés nas costas, mas sobreviveram. Os fugitivos alcançaram sua aldeia em Bacaba (1.0), prevenindo seus moradores do ataque.

Dos cinco mortos no engenho do Pernambucano, duas eram mãe e filha: Hompröi e Hoyarin. Hompröi, a julgar pela indicação de que era irmã de Amaro {185}, deveria ser irmã da esposa, ou quiçá, naquela ocasião, a própria esposa, de Pedro Noleto {65}, o que conseguiu fugir. A moça chamada Poyói, que também morreu, era “sobrinha” de Gabriel {33}. Ora, Gabriel teve uma esposa chamada Poyói, que era irmã de Pedro Noleto {65}; a julgar pelo nome, Poyói, foi ela que havia transferido o seu próprio nome à “sobrinha” assassinada. Como o nome feminino é mais frequentemente transferido pela tia paterna, a Poyói que morreu poderia ser filha do próprio Pedro Noleto {65}, o que teria sido indicado na informação, ou de um irmão dele não indicado. Em suma, as mulheres que morreram em Santa Maria estavam relacionadas a Pedro Noleto {65}. Quanto aos dois rapazes mortos, Popró (ou Poprã) e Pokampen, não sei relacioná-los ao restante do grupo, como também não sei relacionar os dois sobrevivente baleados, Moisés {1006} e Kuikô {139}.

Quadro 2
Mortos no Riozinho, moradores da aldeia de Bacaba [1.0]

n°	Nome	Sexo	Idade	Relação	Fonte
1086	Kworkê	fem.	velha	mãe de Aiprukhwoi	D2: 147
1040	Aiprukhwoi	fem.		mãe de Yökakhwoi, de Txutxuk e de Pedro Penõ	D1: 373, 421
	Yökakhwoi	fem.	30 anos	mulher de Antônio da Silva {233}	D1: 373, 421; D2: 147
	Yükhwoi	fem.		filha de Antônio da Silva	D2: 147
	Kotxo	masc.		filho de Antônio da Silva	D1: 421; D2: 147
	Yahé	masc.		filho de Antônio da Silva	D1: 421; D2: 147
	Txuktuk	?	10 anos	filho ou filha de Aiprukhwoi	D1: 373, 421
1234	Ihok	fem.	60 anos	mãe de Trukat velho (?)	D1: 373, 421
1235	Kupaihé	fem.	20 anos		D1: 373
	Pīran	fem.			D1: 421
	Terekhwoi	fem.	4 anos	filha de Kupaihé	D1: 373, 421
1217	Karko	fem.	60 anos	mãe de Marquinho, avó materna de José Nogueira	D1: 373, 421; D2: 147, 478
	Kaprek	fem.	60 anos	irmã de Karko	D1: 373, 421
1253	Pīho	fem.		irmã de Karko	D2: 478
1254	Irokhwoi	fem.		filha de Marquinho	D2: 478
	Pu'kóre	fem.			D1: 421
	Pukin	fem.			D1: 421
	Piedjipei	fem.			D1: 421

Uma vez prevenidos, os moradores da aldeia de Bacaba (1.0) correram a se esconder nas matas do Riozinho, um afluente do Manoel Alves Pequeno que tem sua foz a montante de Itacajá. Mas os homens armados por Mundico rumaram para lá e mataram vários deles. Segundo o craô Davi {172}, os agressores descobriram e assassinaram aqueles que haviam se escondido em grupos maiores.

Incluí os mortos do Riozinho no Quadro 2. Dividi o quadro por linhas duplas em quatro seções. A primeira seção inclui sete indivíduos que muito provavelmente eram moradores de uma mesma casa, a julgar pela regra da matrilocidade. Eram a velha Kworkê, sua filha Aiprukhwoi, por sua vez mãe de Yökakhwoi e Txuktuk, que também morreram, e ainda Yükhwoi, Kotxo e Yahé, filhos de Yökakhwoi. Uma informação de Antônio da Silva {233} é que me apontou esses laços, pois disse ser pai dos três últimos, ter sido marido de Yökakhwoi, que era neta de Kworkê. Aliás, um dos mortos incluídos no Quadro 1, Popró, era filho de Woko, irmão de Antônio da Silva. Por isso é que certa vez ele me disse que tinha perdido no ataque de 1940 a mulher e quatro filhos (isto é, um dos quatro era filho do irmão, terminologicamente equiparado a filho).

Na seção seguinte estão incluídas três ou quatro mulheres que também parecem relacionadas entre si. Duas obviamente, pois são mãe e filha, respectivamente Kupaihé e Terekhwoi. Quanto a Ihok, foi dito que era mãe do velho Trukat. Certamente esse Trukat não pode ser o homem negro que se integrou aos craôs no século XIX, cujo nome bem poderia ter sido Torquato (e que era avó materna da Kworkê da primeira seção do mesmo quadro). Como Ihok era avó materna de Kupaihé e também de Tepkaprek {25} (D3: 51), a qual teria um irmão chamado Trukat (D2: 404 e 566), então Ihok seria avó materna de Trukat e não mãe (a não ser que esse último Trukat tenha tido tio materno de mesmo nome). Em suma, Ihok era avó materna de Kupaihé, que era mãe de Terekhwoi. A linha que separa Kupaihé de Pīran é tracejada porque é possível que se trate da mesma mulher: há em meus dados dois exemplos de mulheres cujo nome incluía explicitamente os termos Kupaihé e Pīran {500 e 1070}.

Na terceira seção do Quadro 2, estão também mulheres intimamente aparentadas: Karkô e suas irmãs Kaprek e Pîho e a filha de seu filho, Irokhwoi. A informação-chave neste caso é a do ex-líder messiânico José Nogueira {56}, cuja mãe era filha de Karkô e irmã de Marquinho, por sua vez pai de Irokhwoi. Como José Nogueira não fez referência a Kaprek, fica a dúvida se ela era a mesma Pîho ou outra pessoa; daí a linha tracejada que separa os dois nomes. De fato, uma menina {105} nascida por volta de 1960 trazia ambos os nomes no conjunto que recebeu. Consta numa informação (D1: 252) que a avó materna {108} dessa menina era “irmã” de Ipremp {1191}, sem precisar se por parte de pai, de mãe ou de ambos. Ora, Ipremp era a mãe de José Nogueira.

Quanto às mulheres da quarta seção do Quadro 2, todas referidas numa só informação, ainda que me dada por um casal de velhos muito confiável, Gabriel {33} e sua esposa Yotkré, nada me foi indicado que pudesse relacioná-las entre si ou com outras pessoas. Um último nome (Pia), que na época compreendi mal, pois deve significar, “pronto”, “acabou”, dito depois da enumeração das demais, foi eliminado, pois não corresponde a ninguém.

Quadro 3
Morto no Riozinho, possível morador da aldeia do Galheiro [3.1]

nº	Nome	Sexo	Idade	Relação	Fonte
		masc.	de colo	filho de Akotxet	

O Quadro 3 é bastante simples, pois só inclui um indivíduo. Tenho duas razões para apresentá-lo em separado. A primeira é que provavelmente era morador de uma outra aldeia, a do Galheiro (3.1); teria sido o único desta aldeia a morrer. A outra razão é que esta criança morreu no único encontro em que houve revide por parte dos craôs: o índio Akotxet, também conhecido por Felipe, ainda que numa informação seja chamado de Alípio, caminhava com sua esposa, que carregava o filho. Três agressores atiraram nela, matando a criança e ferindo a mãe. O marido reagiu e matou Martinhão, feriu Adão, que fugiu com o terceiro. Martinhão era vaqueiro de Mundico, segundo uma informação (D1: 373), ou do Pastor Colares, segundo outra (D2: 193), mas nesta é chamado de Bastião. Akotxet foi casado com uma irmã de Pedro Penõ {158} chamada Ko’rere {160}; não sei dizer se a mulher que estava com ele nesse confronto já era Ko’rere. O atual território craô tem pelo menos três correntes d’água chamadas Riozinho. Mas parece que o filho de Akotxet morreu no mesmo Riozinho onde foram dizimados os moradores de Bacaba (1.0). Entretanto, parece que Akotxet não estava escondido com os outros moradores de Bacaba e nem seus três agressores estavam junto aos demais atacantes.

Quadro 4
Mortos dentro e nas vizinhanças da aldeia de Cabeceira Grossa [2.0]

n°	Nome	Sexo	Idade	Relação	Fonte
1120	Luís Balbino	masc.		chefe da aldeia	D1: 651; D2: 147
1141	Joaquim Papa-mel	masc.	velho		D2: 147, 266
	Krãhãkrua				D1: 651
1211	Fernando	masc.	velho		D1: 651; D2: 147, 266
	Krotot	fem.	velha		D2: 147, 266
	Routei	fem.	velha		D1: 651
1124	Prap, Prapra	fem.	mulher nova		D1: 651; D2: 147, 266
	Korke	masc.	de colo		D2: 147
		masc.	de colo	filho recém-nascido de Prap	D1: 651
	Kaho	masc.	menino	filho de Prap	D1: 651; D2: 147, 266

O Quadro 4 refere-se a outra aldeia, Cabeceira Grossa (2.0), que foi alvo de outro grupo de atacantes, José Santiago e seus seguidores. Ainda que houvesse mais cuidado por parte deste fazendeiro em concentrar o maior número de índios possível, para mais facilmente matá-los, dando-lhes uma rês para comer, parece que ela teve número bem menor de vítimas que a de Bacaba (1.0). Nesta, com exceção de dois ou três meninos, todas as outras vítimas eram indivíduos do sexo feminino. Só em Cabeceira Grossa (2.0) morreram homens maduros e referidos como líderes: Luís Balbino {1120}, chefe da aldeia; Fernando {1211}; e Joaquim Papa-mel. Quanto a Krãhãkrua, quase certamente é o mesmo Joaquim Papa-mel, freqüentemente referido como Kupêtik, uma vez que ambos os termos deviam de fazer parte do seu nome indígena, a julgar pelo nome de Moisés, aquele que foi baleado perto de Itacajá: Krãhãkrua Tépkahëk Kupêtik.

Não sei relacionar as velhas Krotot e Routei a ninguém. Como na informação em que aparece um nome não aparece o outro, talvez elas fossem uma só pessoa. Daí estarem separadas por uma linha tracejada.

A jovem mulher Prap, ou Prapra {1124}, morreu com dois filhos, um de colo e outro maiorzinho. Há informação explícita de que este último era Kaho. Quase certamente o recém-nascido que ela carregava era Korke, embora esta identificação não esteja explicitada nas informações.

Quadro 5		
Total mínimo de mortos em 1940		
Quadro 1	Perto de Itacajá (moradores de Bacaba)	5
Quadro 2	No Riozinho (moradores de Bacaba)	16
Quadro 3	No Riozinho (morador do Galheiro)	1
Quadro 4	Na aldeia de Cabeceira Grossa	7
Total		29

Trechos de anotações de campo sobre o ataque às aldeias craôs em 1940

Patrício {1}, como sempre, veio dormir em minha casa com UAKAPI, HIIHAHAT e outros. Perguntei-lhe sobre o ataque de Mundico. Quando este atacou esta aldeia [1.0] ela estava situada em Bacaba; dizem que foi porque os índios estavam roubando gado todo dia. Na hora do ataque Patrício estava na roça. Todos os que morreram foram de tiro:

1) mãe de Penon, Aiprukui; 2) Ionkakui, filha de Aiprukui, de 30 anos; 3) Kupaihé, irmã de Tepkaprik (casa 3) de 20 anos; 4) Terekui, filha de Kupaihé, de 4 anos; 5) Txuktukx, filho de Aiprukui, de 10 anos; 6) Karkó, mãe de Marquinho, de 60 anos; 7) Kaprik, irmã de Karkó, de 60 anos; 8) Ihoko, mãe de Trukat velho, de 60 anos; 9) Poiói, sobrinha da mulher de Gabriel (Poiói) de 18 anos; 10) o rapaz Poprã, de 16 anos; [11]] o rapaz Pokanpeñ, de 16 anos. O índio Krahó Akotxet, quando do ataque, atirou sobre o cristão Martinhão Velho (vaqueiro de Mundico) que caiu morto e em seguida sobre Adão, que conseguiu fugir, mas perdendo muito sangue.

[Até aqui a informação de Patrício {1}; em seguida vem a de Pedro Penõ {158}]

Estou comendo um pedacinho de pão com gosto de mofo que os rapazes trouxeram de Carolina (lá está tudo caro, disse Juarez {163}) quando Penon entrou em minha casa. Perguntado sobre o ataque ele disse que os índios daqui [aldeia 1.0] tinham ido a Cabeceira Grossa quando do ataque. Sabendo do ataque lá, que foi primeiro, esconderam-se no Riozinho. Pelo que diz Penon, Mundico viera também com soldados, que vendo que os índios não tinham cercado a casa de Mundico, como este afirmara, deixaram-no sozinho. Este procurou os índios e atacou-os na margem do Riozinho (esta versão não coincide com a de Patrício[]). Teriam os atacantes matado estas pessoas acima citadas na aldeia e depois teriam ido procurar o grosso dos índios. Penon acha que Chico Velho {112} e Pedro Noleto {65} se portaram como medrosos.

Na aldeia de Cabeceira Grossa [2.0] diz Penon {158} que só morreu o chefe, Luís Balbino {1120} (Patrício {1} diz entretanto que morreram vários). Santiago atacou ao amanhecer e os índios fugiram para o mato. No caminho da fonte havia atacantes esperando os índios. Do mato os índios viam os assaltantes apanharem as panelas e outros objetos deles. Então o irmão de Luís Balbino falou com ele que não devia deixar fazerem isso. Luís Balbino saiu do mato com um facão na cintura e um pequeno cacete na mão. Falou a Santiago, discutiram; um preto, cujo nome Penon não sabe, que era de Barra do Corda, dizendo que não fora até lá para voltar com as mãos limpas — queria sujar as mãos — meteu a faca ou facão em Luís Balbino e os outros atiraram de revólver sobre ele. Chiquinho Velho {329} escapou porque seu vaqueiro o escondeu. É que o padrinho de um “neto” de Chiquinho Velho (padrinho cristão) dera ao afilhado uma novilha, que se multiplicou num pequeno rebanho. Chiquinho Velho tinha por isso um vaqueiro (que era o pai de Hilário e Brígido). Foi este vaqueiro que o escondeu. Este vaqueiro era “pobrinho”. Agora seus filhos, nota Penon, que já estão enricando, já falam que se os índios roubarem alguma coisa deles matam o índio (Hilário é que disse, parece). Penon então falou a Hilário para não dizer isso não porque ele era pobre e se está enricando é por causa dos índios. [Anotado em 8/11/1962, na aldeia do Posto (1.1) — D1: 373-5]

O pai de Brígido morava perto da antiga Cabeceira Grossa. Brígido é irmão de Hilário e Teodoro, além de um outro que está em Tocantínia. Seu pai tomava conta de um gado de Chiquinho {329} e de Luís Balbino {1120}, umas dez cabeças ao todo. Zeca Santiago e Mundico eram os maiores fazendeiros da região. Santiago era de Riachão, no Maranhão (morava lá). Tinha por aqui duas fazendas de S. Francisco e de S. Bento (esta última mais perto da aldeia). Eram fazendas pequenas, que davam cada uma de 50 a 60 crias por ano. Uma fazenda que dá 50 bezerros por ano, deve ter mais de 100 cabeças de gado grande, entre machos e fêmeas. O ataque à aldeia se deu num domingo de madrugada. No dia anterior Santiago deu aos índios matalotagem e cachaça de modo que fizessem festa e se juntassem na aldeia: os índios brincaram muito, até tarde e então no dia seguinte ele atacou. Os índios fugiram. Luís Balbino {1120} fugiu mas depois voltou

(para se entregar, diz Brígido) para tratar da indenização dos prejuízos de que os atacantes acusavam os índios. Luís Balbino foi porém morto. Pelas seis ou sete horas da manhã do mesmo dia apareceu na casa do pai de Brígido o Chiquinho, com um cofinho às costas, com umas bananas, cansado de correr. Pediu ao pai de Brígido que o escondesse dos assaltantes que ele lhe pagaria muito bem por isso. Assim resolveram escondê-lo não em casa, mas na roça, por ser mais seguro. No dia seguinte chegou o Zeca Santiago com seus jagunços à casa do pai de Brígido. Só ele vinha montado num burro. Os outros vinham a pé. Eram cerca de trinta, todos armados de rifle. Quiseram comer uma cabeça de gado (parece que do Chiquinho), mas como os da casa lhe disseram que não havia sal, desistiram. — Isso não paga o prejuízo que já me deram, disse o Santiago. Os jagunços tinham um saco cheio de balas. O pessoal da casa, com medo, cozinhou ovos para os jagunços como pediram. Perguntou Santiago ao pai de Brígido se não tinha passado algum índio por lá, se ele não o escondia. Respondeu-lhe que realmente passara, mas que tinha ido embora. Assim pouco depois partia o Santiago. Chiquinho ficou escondido cerca de um mês, sempre mudando o esconderijo na roça. O pessoal que sabia o seu paradeiro o espantava dizendo que ainda o estavam procurando. Uma vez chegou visita em casa de Brígido e surpreendeu Chiquinho dentro da casa; este foi convidado a se esconder debaixo da cama e só saiu tarde, quando a visita foi embora. Passado um mês depois do ataque, chegou por lá o Tenente Floriano, da polícia, e mais Colares, que estavam ajuntando novamente os índios, Chiquinho então foi para a aldeia e pouco depois já aparecia pintado: não estava mais triste, comenta o Brígido. Marcão {195} disse a eles que nunca os índios o vão pô-los para fora, querem que morem perto deles e se saírem não será por causa dos índios mas porque quiseram assim. Parece que foi por isso que o SPI, na pessoa de Luís do Quadro, aceitou gente da família de Brígido nos seus quadros. [Anotado da conversa com Brígido em sua casa em terras de Dodanin contíguas à terra indígena, em 10/11/1962 — D1: 389-91]

Ao se dar o ataque de Santiago e Mundico, o pessoal desta aldeia [1.0] tinha saído daqui para Cabeceira Grossa [2.0]. Parece, Gabriel não foi claro, que se fazia um puiê ionpahi [chefe honorário das mulheres]. O ataque de Santiago foi de manhã cedo; o do Mundico pelas duas horas da tarde, mas no mesmo dia. O pessoal do Mundico, ao marchar para a aldeia passou pela casa do Pernambucano (em Santa Maria) onde mataram dois rapazes (Popro e Pokanpen), duas mulheres (Poiói e Homprui) e a filha de Homprui, que era pequena (Hoiarin). Pedro Noleto {65} e Moisés estavam trabalhando para o Pernambuco, quando viram isso, correram para a aldeia, avisando. O povo então fugiu para o mato. Mundico então foi procurar o pessoal no mato. Gabriel {33} estava no Riozinho. Então foram mortos: Kaprik, Karkô, Ihôk, Ionkakui, Pûrañ, Terkui, Aiprukui, Piedjipeie (e Pia ♀), todas do sexo feminino bem como Pukin, Pukore, Txuktxuk, do mesmo sexo. Do sexo masculino: Kotxô e Iahé. Só morreram velhas e crianças. Só um cristão foi morto na refrega (se foi refrega); quem o matou foi Felipe (Akotxet), lá no Riozinho. O nome dos mortos foram lembrados por Iotkré [esposa de Gabriel]. [Anotado em 13/11/1962, na aldeia do Posto (1.1) — D1: 420-1]

Pedi a Davi {172} que contasse o ataque à aldeia: — Eu estava acolá naquela aldeia velha. O pessoal estava na aldeia e um magote de índios foi arrancar lá perto de Itacajá. Deram fogo primeiro neste magote de índios e foi um índio que voltou baleado bem nas costas para a aldeia que avisou ao povo de noite, à meia-noite. O povo estava espantado, ajuntaram todos no pátio e o que estava baleado contou a história como foi e até que o pessoal correu todo para o mato e se espalhou. Os que estavam dormindo ficaram

dormindo e os outros não avisaram, pois quem está com medo não se importa com nada. Quando amanheceu os que dormiam acordaram e não encontraram os outros e correram a procurá-los. E quando foi de manhãzinha é que chegaram os jagunços. Chegaram com o Joaquim Crente [Joaquim Leão] amarrado e não viram mais índios na aldeia e foram arrancar na beira da grota chamada Bacaba (ribeirão Bacaba) para se organizarem. Do meio-dia para a tarde saíram na estrada [em] que o índio ia para o mato. Os índios estavam acampados na beira do Riozinho, dentro do mato, escondidos. Aí os jagunços chegaram e deram fogo e mataram tudo, mas os que estavam escondidos escaparam; só morreram os que se ajuntaram num grupo maior. Depois de seis dias é que chegou um homem chamado “Seu” Colares [Pastor Francisco Colares] mais o chefe de polícia. O nome deste eu não sei. “Seu” Colares abeirava esse mato todinho, gritando no meio do mato: O Ikuonon [amigo]! Os que conheciam sua voz vinham até ele, avisando também aos outros; Colares pegava o índio e chorava muito, com o chefe de polícia do lado. E foram ajuntar o índio na cabeceira do ribeirão dos Cavalos. E o Colares acabou com a “bóia” que trazia e o chefe de polícia mandou buscar no Vau [Itacajá] arroz, farinha, fava para os índios, baleados, com fome. Mandou também trazer creolina para as feridas. E puseram os índios numa taperinha do outro lado do [ribeirão] Pedra Branca, comprando comida para eles, pois estavam longe das roças. E o Joaquim Crente estava amarrado toda a vida. O “Seu” Colares não sabia onde ele estava. Até quando o chefe de polícia prendeu o pessoal todo, aí é que se achou o Joaquim Crente, que correu para a aldeia. Foram dez dias para ajuntar todos os índios. “Seu” Colares estava para morrer de fome com o chefe de polícia, comendo só frutinhas do mato. Morreram uns vinte índios: cinco homens, seis mulheres e sete meninos (não sei se esta conta está certa). Os pequeninos, que não podiam correr, os jagunços matavam a facão. Por uma coisinha de nada; porque nesse tempo o território dos índios não estava marcado ainda e havia muito cristão aqui perto. Quando o gado morria de trema ou de cobra, a culpa ia para o índio e sempre se jurava matar índio e no dia seguinte deram fogo. [Anotado na aldeia de Pedra Branca (1.2), em 7/12/1962 — D1: 533-5]

Pela tarde pedi a Chiquinho {329} que me contasse como Santiago atacou a aldeia. Contou que Santiago tinha fazenda em S. Bento, perto daqui e outra acima de Carolina, para cá do [rio] Manoel Alves Grande chamada Nateia. O gado de Santiago era roubado por cristãos da redondeza, que, quando viam alguma vaca gorda, a matavam, cortavam-na em pedaços escondido, salgavam-na e iam comendo. Quando o dono da fazenda, que morava longe, dava conta do desaparecimento, perguntava aos moradores se tinham visto a vaca e eles respondiam que não, que talvez os índios a tivessem matado. Assim a culpa ia sempre para os índios. Santiago então reuniu os jagunços da vizinhança de Riachão e prometeu 4.000 cr. a cada um, quantia que parece que não pagou, segundo o Chiquinho. Chiquinho tinha parentes em Riachão, que não souberam dos preparativos de Santiago (aliás Chiquinho afirma que o próprio Santiago é primo dele, mas não “lembrou” disso ao atacar). Os jagunços atacaram a aldeia ao amanhecer e todos os índios fugiram (havia também alguns da outra aldeia — atualmente a de Pedro Penon {158} — que tinham vindo assistir a uma festa). Só aqueles que não puderam fugir foram mortos. Luís Balbino {1120}, um chefe, morreu; Prap, sobrinha de Chiquinho, que tinha dado à luz foi morta e seu recém-nascido aberto a facão, bem como um filho maiorzinho; Fernando (Kauôre) {1211}, Krãhãkrua e a velha Routei também foram mortos. Chiquinho correu para a casa de Sabino, que guardava o seu gado. Pouco depois de chegar (não sei se no mesmo dia) chegou Santiago e seus jagunços. Perguntou a Sabino se não tinha visto o seu patrão

(Chiquinho); Sabino disse que não. Santiago voltou a insistir e Sabino então disse: — Vou-lhe dizer a verdade, eu sou cristão puro e não posso mentir para você: Chiquinho esteve aqui ontem, mas saiu outra vez em busca da mulher dele. Chiquinho estava escondido num quarto e ouviu tudo; os jagunços rodearam a casa e o seu coração estava aos pulos. Aí um jagunço lá de fora falou: — O chefe deles acabou de levar bala. Com isso Santiago deixou de procurá-lo. Vinham chegando as vacas. Disse Santiago: — Sabino, que vaca gorda! Posso matá-la. — Eu estou aqui e não faço nadinha, se você quiser você mata! Não quero ter responsabilidade na morte de gado alheio. — E quem é que vem acudir os índios e o seu gado? Aí Sabino perguntou: — Com ordem de quem você estacou [atacou] a aldeia? Com ordem do juiz. — Está bem. Acabou Santiago desistindo de matar o gado e indo embora. Dissera a Sabino que depois de acabar com os índios iria pôr o seu gado em Campo Alegre. Também perguntara a Sabino com ordem de quem era vaqueiro de índios. Respondeu que era com ordem de Mané Perna, Zeca Figueira e Zé Queiroz. Quando Santiago saiu, Chiquinho foi esconder-se na roça, recebendo uma rede, um lençol e uma cabaça d'água. Os rapazes trabalhavam na roça junto dele. Quando chovia se escondia na casa do forno. Depois Apolinário (filho de Sabino) veio buscá-lo para se esconder na própria casa, já que tinha começado a chover e havia o perigo de ser mordido por cobra. Os índios tinham se escondido no Vão do Zacarias. Um deles, o Manoel com fome, resolveu ir à sua roça. Todos estavam com fome e com medo de sair. Manoel pôs-se a caminho e deu com [o Pastor] Colares que vinha chegando com um tenente e quatro soldados. Manoel teve medo. Disse Colares: — Não tenha medo, eu vim acudir vocês! Por que fizeram isso com vocês! Leve-me até seus companheiros. E Manoel os levou. Os índios foram ajuntados e puseram os soldados de guarda para protegê-los. Mais tarde veio o Major Lino com quatro soldados para prender os jagunços. No Vau [Itacajá] encontrou com Chiquinho: — Está com fome? — Estou. Então o Major Lino comprou um quarto inteiro de um capado, gordo, gordo, e farinha e deu-lhe para comer. Prendeu os jagunços com apenas quatro soldados que trazia, trouxe-os do Riachão, fê-los atravessar a nado o rio em Itacajá e levou-os a Pedro Afonso. Depois o Major Lino veio preparar o Posto em Campo Alegre. O governo depois quis saber quem tinha vendido bala a Santiago. Por isso foram levados vários homens ricos de Carolina para o sul até que se descobriu que tinham sido os três irmãos Justino Mineiro, Carlos Mineiro e mais um outro. Os três ficaram em São Paulo na cadeia. Depois vieram a Carolina, venderam as fazendas e máquinas e com o dinheiro pagaram ao governo que os convidou a permanecerem no sul: Justino está em São Paulo e Carlos está em Anápolis. [Anotado na aldeia do Abóbora (2.2), em 26/12/1962 — D1: 650-3]

Mundico e outro rapaz desde cedo pensavam em atacar os índios; todos os outros da família eram contra e só os dois a favor. Manduca viajou, quando voltou soube da mulher que a casa da [fazenda] Ventura estava cheia de jagunços para atacar a aldeia. Manduca então disse que ia até [lá] só para ver, pois não conseguiria nada. Chegou lá e de fato havia vários jagunços armados (vários deles ainda andam por aqui em Itacajá); convidaram-no a seguir com eles e Manduca se negou; uma mulher pegou uma arma e gritou para ele: está faltando um homem para este rifle; mas ele não aceitou. Os jagunços partiram às 4 horas da tarde. Manduca caminhou um pouco (não lembro se meia hora ou se três quilômetros) e encontrou o Tenente Floriano, da Polícia, com seis soldados já ao encalço de Mundico. O Tenente Floriano mandou alguém, que ainda vive em Itacajá, para fazer parar Mundico. Floriano conferenciou licença [?] e lhe deu um prazo para atacar os índios sem obstáculo (três dias, disse Manduca, se não me engano). Manduca não sabendo quem ia vencer, se os índios ou os cristãos, afastou-se do lugar com a família. No tempo

da prisão dos jagunços, seu nome foi também na “lista negra” por um portador a Pedro Afonso; no caminho alguém (que Manduca citou pelo nome) viu a lista e avisou que Manduca não fizera parte do massacre. Por isso seu nome foi riscado. Assim mesmo um dia passou perto de um destacamento e foi detido. Diz que foi colocado ao lado de uns índios e convidado a não sair até chegar o tenente Floriano; este chegou mas ninguém lembrou dele até que Manduca pediu para falar e lembrou que lhe tinham prometido soltar quando o Tenente Floriano chegasse. Este declarou que Manduca nada tinha a ver com o caso do massacre e ele foi solto. Diz Manduca que quando o Tenente Floriano conferenciou com o Mundico, este já tinha alcançado e matado uns índios, mas ainda não chegara à aldeia. Segundo Manduca, todos estavam contra a matança dos índios na sua família, menos os dois rapazes. Poder-se-ia muito bem suportar o roubo dos índios. Os índios nunca mataram para roubar e nunca tiraram nada de ninguém a não ser que fosse coisa de comer. Manduca conhece os Krahô desde muito tempo; já em 1919 ia à aldeia, que estava no Jordão e aí brincava com eles, corria com tora; parece que então o capitão era o Feliciano. [Anotado em 8/1/1963 no Posto Indígena Antônio Estigarríbia, reproduzindo uma entrevista feita com Manoel Correia, o Manduca, dois dias antes em Itacajá — D1: 715-7]

José Pinto {150}, durante a viagem contou a história do ataque à aldeia. Disse que outros matavam o gado, o gado morria por aí e pensavam que eram os índios. Então Zeca Santiago, Mundico, Raimundo Carvalho e talvez mais um que não me recordo, resolveram atacar. Na aldeia de Pedra Branca [1.0], que estava num lugar chamado Bacaba (que fica abaixo da atual Pedra Branca [1.2]). José Pinto estava em Cabeceira Grossa [2.0] e parece que outros índios [da aldeia 1.0] também estavam. O pessoal fugiu de Pedra Banca e parece que aí só mataram algumas velhas e meninozinhos, que foram sangrados a facão. Os índios que estavam no Riozinho, este que é afluente do Pedra Branca, foram então atacados, fugindo, deixando velhos e novos, que foram mortos. Um cristão foi morto. O índio Alípio ia com sua mulher quando deu com três homens no Riozinho. Um atirou, matou um menino que a mulher trazia nos braços e feriu a mulher. Alípio zangou-se e matou Martinhão a arma branca. Em Cabeceira Grossa atacaram ao amanhecer. Todos dormiam. Uma velha saiu de casa e foi morta. Os índios fugiram para o mato. Os atacantes mataram alguns que estavam nas casas. Então começaram o saque, apanhando espingardas e panelas. Luís Balbino {1120} veio de uma serra próxima apenas com um pequeno bastão. José Santiago ordenou que os jagunços o deixassem aproximar. Então Luís Balbino bateu muita boca com José Santiago até que alguém o matou com uma facada na altura do estômago. Quanto ao Galheiro [3.1], Raimundo Carvalho, que ia atacá-lo, encontrou a aldeia deserta (não sei se foi até lá) porque os índios se espalharam. [Anotado em 28/9/1963 na fazenda do Xupé, com base na conversa que tive durante a caminhada a partir da aldeia do Posto (1.1) — D2: 67-8]

Segundo Antônio da Silva, morreram em Pedra Branca [1.0] no ataque do Mundico: Ionkakui (mulher de Antônio da Silva), Iahé (filho dele), Kotxô (outro filho), Iunkoi (também filha dele), Kuorekó (avó da mulher dele), Karkô (uma velha), Hompru (mulher buchuda, que teve a barriga aberta a facão), Pokãpeñ (rapaz), Popró (rapaz, filho de Uokô, irmão de Antônio da Silva).

Em Cabeceira Grossa [2.0] morreram: Luís Balbino (Tebiet), Fernando (velho) {1211}, Joaquim Papa-mel (Kupentuk), Praprá (mulher nova), Krotot (velha), Kahô (menino), Korkê (menino de colo).

No tempo [do] ataque esta aldeia [2.0] estava em Cabeceira Grossa, na margem do Riozinho, que corre para o rio Vermelho. A de Pedra Branca [1.0] ficava em Bacaba, na beira do Riozinho que vai para o Vau [Itacajá]. O pessoal do Galheiro [3.1] morava então em Donzela. Quando soube do ataque foi para as matas do Pitoró. Os jagunços chegaram e não viram mais ninguém. [Anotado em 13/10/1963 na aldeia de Boa União (2.1) — D2: 147-8]

Ambrosinho {221} diz que o ataque às aldeias foi por ordem do próprio [Pastor] Colares. Mas quando “estacaram” [atacaram] a aldeia ele se arrependeu e juntou os índios chorando. Dois motivos fazem Ambrosinho acreditar assim: 1) o povo do Vau diz assim; 2) o vaqueiro do Colares tomou parte no ataque e, se tomou parte, foi porque Colares mandou. A fazenda do Colares ficava em Conceição Velha. O vaqueiro era o Bastião (Martinhão?), que junto com dois outros homens andava ao encalço dos índios do Galheiro [3.1], que tinham espalhado. Alcançando um deles, matou-lhe o filho nos braços da mulher. O índio abandonou a espingarda e matou o Bastião a facão. Depois foi atacado a facão por um outro, defendendo-se com os braços. Mesmo ferido ainda deu um tiro na coxa deste que o feriu. Bastião caminhou um pedaço e morreu. O índio enterrou o filho e veio embora. Dizem que assim que o índio largou a espingarda e pegou o facão, os homens largaram os rifles e pularam na água. [Anotado em 18/10/1963, com base em conversa do dia anterior, na aldeia de Boa União (2.1) — D2: 193]

Mesmo depois do massacre os índios ainda mataram um gado [uma rês] de Santiago (em 1943, talvez), indo lá Dodanin [Pastor e funcionário do SPI] para tratar da questão e mataram mais um do Mundico. Edith [esposa de Dodanin] sempre conheceu, desde que chegou aqui em 1943 o Santiago e o Mundico soltos e não na cadeia. [Anotado em 29/10/1963 na aldeia do Posto (1.1) reproduzindo conversa no Posto Indígena Antônio Estigarribia do dia anterior — D2: 250]

Procurando alguém do Vau [Itacajá] que tenha tomado parte nesse massacre, [Esteves {53} e outros] indicaram-me Adão, irmão do Noca, que levou um tiro de índio na briga do Riozinho, naquela mesma briga em que morreu Martinhão. Diz o Ceará do Vau, conta Esteves, que o índio é mole, que correu logo. Mas Penon {158} responde ao Ceará: — Não, nós pensamos que o governo é que mandou. Esteves tinha acabado de chegar [da aldeia canela] de Porquinhos quando se deu o ataque. Conta que Pedro Noleto {65}, Moisés (Krãhamkru), Iaviu, Hompru, sua filha, Poiói e Kuikô (a mulher de Zé Aurélio) estavam perto do Vau [Itacajá]. As mulheres estavam num engenho e os homens, que tinham ido caçar, haviam parado em S. Miguel, onde lhes ofereceram comida. Enquanto comiam, os cristãos procuraram afastá-los de suas armas. Mandaram largar a espingarda, para comerem melhor; pediam para comprar o arco para pescar. Até que caíram de facão em cima dos arcos, cortando-os e foram buscar os rifles, atirando sobre os índios. Uma bala pegou Moisés no ombro, mas não matou. Os índios fugiram. Ao mesmo tempo todas as mulheres que estavam no engenho eram mortas, escapando apenas, ferida no peito, Kuikô. No engenho morreram dois rapazes: Pokampeñ Tãtã e Popró. Esta aldeia [1.0] estava então perto do Manoel Alves Pequeno, no Riozinho. O povo desta aldeia [1.0] tinha feito de Ambrosinho [221] o seu “chefe honorário” e muitos saíram daqui para ir deixá-lo em sua aldeia [2.0] e lá trabalhar na roça dele. Quando chegaram perto da aldeia (Esteves fora também) encontraram João Gomes reparando o mato. E chegaram na aldeia. De manhã chegou matutagem [matalotagem, uma rês para

comer] oferecida pelo Santiago e trazida pelo vaqueiro: — Meu patrão mandou boi grande para você e agora vá chamar o povo para matá-lo; daqui a alguns dias vão receber um saco de sal. O Balbino recebeu o gado. O povo matou o boi. No outro dia, de madrugada, deram fogo na aldeia. Morreram: Papa-mel (Kupentuk), “Farnando”, Krotot, Prap (mãe de Raul), Kahô (menino) e um menino de colo. Nesse momento Esteves interrompeu a narração. [Anotado em 31/10/1963 na aldeia do Posto (1.1) — D2: 265-6]

Zé Nogueira {56} tem três parentes que morreram no ataque de Mundico: Karkô, Pinhô e Irokui. A primeira era mãe de Ipremp e, portanto, mãe da mãe de Zé Nogueira. Pinhô era irmã de Karkô. O finado Marquinho era filho de Karkô. A terceira, Irokui, era filha de Marquinho. Zé Nogueira ia destruir o Vau só porque era ordem de Chuva. Por ele mesmo não destruiria, pois tem pena do povo do Vau. Se destruir o Vau onde vão comprar as coisinhas. O Vau vende caro, mas é perto. Se destruir o Vau só podem comprar em Pedro Afonso. Porém ele destruiria por sua própria vontade a fazenda de Santiago e as casas de seus vaqueiros nas vizinhanças. [Anotado em 29/11/1963 na aldeia do Posto (1.1) — D2: 478]

Apenas soube [do Pastor Joaquim Leão] que o índio Marquinho, depois do massacre só andava de espingarda na mão. Espingarda carregada. Suas brincadeiras, piadas com os cristãos eram ferinas e agressivas. [Anotado em 21/12/1963 em Itacajá — D2: 609]

Contou [Pimentel, prefeito de Itacajá,] que o velho Agostin Soares dava gado aos índios porque eles lhe tinham ajudado a retomar o gado que lhe roubaram uns bandidos. Os índios roubavam de Agostin, que os suportava. Mas os filhos não eram da mesma opinião e resolveram atacar. O Mundico era o cabeça da família. O Pastor Colares desconfiou que eles iam atacar e foi perguntar a Reginaldo, filho da irmã de Mundico: — Sim, vamos atacar, respondeu Reginaldo. Colares tentou dissuadi-lo, mostrando como o índio era protegido pela lei, mas não adiantou. Depois do ataque veio um major, um tenente da polícia, um capitão da polícia federal e um capitão do exército. Pimentel foi intimado a ir como testemunha: foi junto com o Colares, e mais uns dois. Em Bacaba encontraram seis cabeças de índio; em Cabeceira Grossa encontraram o corpo de uma menina que os porcos desenterraram. Encontraram também uma sepultura onde os índios diziam ter enterrado muitos, mas não os desenterraram por causa do cheiro. Era Davi (Rãrãkre) {172} que os guiava. [Anotado em 25/12/1963, em Itacajá — D2: 628-9].

[O Pastor] Joaquim Leão acha que um dos culpados do massacre foi o índio Luís Balbino {1120}, que incitou os índios a matar gado, eles que já tinham propensão a isso. Quando Santiago atacou a aldeia dele, os índios fugiram para o mato e Luís Balbino perguntava aos índios: — Onde estão minha mulher e filhos? E o irmão dele (Gil {570}?) repreendeu-o como culpado do que lhes estava acontecendo. Luís Balbino voltou à aldeia, colocou sua espingarda nos “cachorros” do telhado de sua casa e apanhou um pequeno bastão que usava como insígnia e tomou o caminho radial que conduzia ao pátio. No meio do caminho gritou: — Santiago, eu quero ir aí conversar com você, você permite? — Pode vir! — Mas olhe lá, não deixe seus jagunços me matar! Luís Balbino chegou-se a Santiago e começou a conversar, prometendo pagar os prejuízos. Foi então que um jagunço o feriu. Luís Balbino caiu queixando-se a Santiago de que ele não lhe

garantira a vida. Santiago repreendeu o jagunço, mas de nada lhe adiantou porque o jagunço continuava a ferir Balbino. E depois o jagunço disse a Santiago: — E para que foi que eu vim aqui? Kakotxen, já falecido, e Kutokré (Doroteu) são filhos de Luís Balbino. Kutokré (com toda certeza foi ele) matou um touro de Santiago, já depois do massacre, e mandou que alguém o avisasse de que quem tinha matado aquele touro fora ele, filho de Luís Balbino, e que Santiago fosse agora atacar a aldeia, como fizera no tempo de seu pai. O índio simplesmente matara o touro, não aproveitando um pedaço, simplesmente só para matar. Santiago ficou cismado com o fato e vendeu a fazenda de São Francisco, que ficava a seis léguas da terra dos índios.

Luís Balbino {1120} tratava mal os moradores civilizados, com arrogância, embora mantivesse boas relações com Joaquim Leão. Desentendeu-se com [o Pastor] Zacarias Campêlo, talvez por causa de gado. [Luís Balbino ou Zacarias Campêlo?] Levantou também a chibata para José Pinto Velho. Este, sabendo que ele iria para os Xerente, fez tamanha intriga dele entre estes índios, que eles o esperaram para matá-lo. Zacarias foi porém para a cidade de Tocantínia e não para a aldeia. A mulher de Zacarias também tratava rudemente os índios, o que lhes provocava desgosto. [Anotado em 27/12/63, em Itacajá — D2: 636-7]

[Segundo o Pastor Joaquim Leão,] O Tenente Floriano, que esteve aqui quando o Mundico atacou, estava com apenas seis ou sete soldados e não podia fazer frente ao grande número de jagunços de Mundico. Tais jagunços eram todos habitantes das redondezas daqui, sendo muitos deles vaqueiros do Mundico. Joaquim Leão não esperava que os Soares fizessem isso, já que são aparentados com índios, sendo que Agostin tivera até relações muito íntimas na aldeia. Os policiais, o militar e os funcionários do SPI que vieram depois, ainda no ano de 1940, para prender os massacradores, com muitos soldados, foram os mesmos a instalarem o Posto do SPI na região. Mais tarde, sob orientação de Cildo Meirelles, um engenheiro demarcou a área. Os primeiros funcionários do Posto, logo depois do massacre, andavam todos armados de 38. Luís do Quadro, pernambucano, metido a valentão, dizia-lhe que metessem bala, por qualquer coisa. Os empregados do Posto, tendo à frente Luís do Quadro, com sua simples presença, acabaram com muita festa em casas de prostitutas no Vau. Luís do Quadro, veio ser posto para fora, num Posto do SpI (não dos Krahó) pelo próprio Cândido. [Anotado 27/12/1963, em Itacajá —D2: 639-640]

Ontem faltou querosene na lamparina. Continuo hoje a registrar o que obtive de Pimentel [prefeito de Itacajá] na noite de ontem. Contou-me que quando vieram os policiais para prender o Mundico e o Santiago não havia pensão em Itacajá. Foi Pimentel que os hospedou e por isso sabe algo daquilo que conversavam e do que pretendiam. Narrou a morte de Luís Balbino {1120} do seguinte modo: Luís Balbino conferenciou com Santiago depois deste ter dado os primeiros tiros na aldeia. E Luís Balbino prometeu-lhe pagar os prejuízos, assumiu a responsabilidade dos roubos e fez a paz; disse então que ia chamar o povo. Quando deu as costas, Santiago fez sinal para atirar nele. Os policiais faziam mais questão de prender o Santiago do que o Mundico. O plano deles era apenas levar os dois chefes do massacre para o Rio; se conseguissem prender o Santiago (o Mundico logo se entregou) nem se importariam com os sertanejos que os seguiram. Mas o Santiago fugiu, não se entregou, a não ser no tempo do júri. Os mais culpados foram condenados a sete anos de prisão. Agravava a situação de Santiago o fato de na véspera ele ter dado uma matutagem aos índios para fazê-los ajuntar. O pessoal que

acompanhou o Mundico eram todos seus parentes ou vaqueiros e foram mais para agradecer o Mundico; eram todos dessas redondezas. O pessoal que acompanhou o Santiago vieram todos interessados no dinheiro; nem todos eram vaqueiros seus; foram contratados. Mas o pessoal que acompanhou o Mundico não esperava pagamento algum por parte dele. O pessoal de Santiago saqueou a aldeia; mas o do Mundico não. Por isso tudo é que os policiais faziam mais questão de pegar o Santiago do que o Mundico. Queriam enviar os dois para o Rio de modo que nunca mais voltassem. Diz Pimentel que cada um desses dois fazendeiros atacou a aldeia com um grupo de menos de vinte homens cada um. [Anotado em 29/12/1963, em Itacajá — D2: 647-9]

Antes do almoço (e também depois) estive com D. Francisca Ferreira, que dá pensão em Itacajá ao pessoal do Posto [do SPI]. Tem vontade de que um dos filhos arranje vaga no SPI. Ele já trabalhou lá contratado por dois anos. Contou que o Mundico não deve ter levado muitos de seus vaqueiros para o massacre de índios para não complicar-se. Acompanharam-no jagunços por interesse de dinheiro. Depois do ataque muitos abandonaram Itacajá com medo de um ataque dos índios. O sub-prefeito chegou a proibir barulho na cidade por causa do perigo. Os índios por muito tempo não visitaram mais Itacajá. Depois começaram a vir, desconfiados, espantando-se ao menor ruído, prontos para fugir a qualquer momento. [Anotado em 30/12/1963, em Itacajá — D2: 653]

[Segundo Nilo, filho de Manduca] Agostinho Soares dava muito gado para os índios. Com sua morte o gado foi distribuído pelos herdeiros, e, de certo modo, ficou pouco para cada um, e os herdeiros não quiseram dar mais aos índios. Estes começaram a matar sem ordem, e daí o massacre. Julga o Nilo que Mundico atacou com ajuda de vaqueiros e outras pessoas ligadas a ele. Um rábula de Pedro Afonso, chamado Cândido (se não me engano) Torres, sogro do Zeca Santiago, arranhou de ser o delegado durante o processo dos massacradores [falta algo] o pai da noiva de Nilo. Souza Porto, atual prefeito de Pedro Afonso, então deputado, trabalhou para que o julgamento fosse em Pedro Afonso e não em Goiânia, pois se o fosse, a pena teria sido muito maior, pois Rondon estava então no auge da vaidade como defensor dos índios. Os mais culpados foram condenados a sete anos; outros a três. Mundico foi preso com uns trinta homens. [Anotado em 01/01/1964, em Pedro Afonso — D2: 663]

Depois disso fui procurar o filho de José Santiago, ou seja, o Dr. João Torres [que então era juiz em Pedro Afonso]. Declarou-me que, quando seu pai atacou os índios, ele ainda tinha cerca de onze anos e por isso não pode informar bem. O motivo do ataque foi o seguinte: os índios roubavam gado. A princípio tinham medo dos vaqueiros e fazendeiros. Mas foram perdendo o medo. Quando alguém os surpreendia matando gado, davam mostra de quererem agredir a pessoa, caso não fosse embora. Santiago possuía duas fazendas perto das aldeias indígenas. Através de seu sogro enviava telegramas e cartas a Getúlio Vargas reclamando. Nunca recebeu resposta. Em vista disso, o sogro, o próprio sogro, aconselhou José Santiago a uma represália. E a represália foi feita de comum acordo com Mundico Soares. Raimundo Pinto, também fazendeiro, era um chefe menos importante. Vinha a ser aparentado (por afinidade?) com o Mundico. Eram só estes três os fazendeiros. Os homens de Santiago não eram vaqueiros dele. Eram homens da região das aldeias e também do Maranhão. Diz o Dr. João Torres que lamenta não terem morrido todos os índios. Colares deve ter percebido o movimento e ter avisado aos índios, pois as aldeias estavam quase desertas. Se ele, Dr. João, fosse mais velho, teria

acompanhado os assaltantes. Diz que talvez a raiva que ele tem dos índios seja apenas pelo que aconteceu com seu pai. O pai fugiu, mas mantendo sempre contato com a família. O governo federal queria os assaltantes no presídio do Rio de Janeiro, mas o José de Souza Porto (atual prefeito) interveio junto ao Dr. Ludovico, que então governava o Estado de Goiás para que eles permanecessem em Pedro Afonso. Santiago só voltou a se apresentar quando o seu sogro, que parece que era juiz em Pedro Afonso, lhe avisou que já não havia perigo de ir para o Rio de Janeiro. Mundico e Santiago foram condenados a sete anos de prisão. Os outros, sub-chefes, foram condenados à metade da pena. Os presos, ou melhor, Santiago, passava o dia na prisão e dormia em casa. Mundico e Santiago iam às suas fazendas acompanhados de um soldado, passavam lá quinze ou vinte dias e voltavam para a prisão. Santiago se apresentou porque tudo o que ele possuía estava naquela região e por isso não adiantava ir para outra parte. Diz o Dr. João Torres que os índios são preguiçosos, e por isso não trabalham, não têm o que comer e por isso roubam. São covardes. Se chegam numa casa e só há mulher, eles vão entrando pela casa a dentro. Se há homem, respeitam mais. São traiçoeiros com aqueles de quem têm raiva. [Anotado em 3/1/1964, em Goiânia com base em conversa mantida no dia anterior em Pedro Afonso — D2: 666-8]

Finalmente uma atitude do Krahó quanto ao incesto. João Gomes foi quem trouxe aviso a esta aldeia, dizendo que Santiago ia mandar gado. Era a isca para atacar a aldeia. Pouco depois o vaqueiro de Santiago trazia o bogó e entregou. Mais tarde a aldeia foi atacada. Martim {284}, filho de Luís Balbino {1120} comentou que João Gomes nem se lembrou de que Luís Balbino foi esforçar-se lá em Piacá para soltá-lo da prisão quando João Gomes tentou ou efetivamente conseguiu copular com a própria filha. Luís Balbino ficou com pena dele, porque era um morador que o ajudava. Pelo visto Luís Balbino não sentiu nenhum horror diante do incesto. [Anotado em 4/2/1967, na aldeia de Boa União (2.1) — D4: 71]

[Segundo Apuhi, filho de Amaro] Uma das irmãs de Amaro {185}, Hõpru, teve a barriga aberta e morta a criança que ainda esperava, no ataque de 1940. [Anotado em 27/7/1967, na aldeia do Posto (1.1) — D5: 50]

Trechos de anotações de campo sobre o ataque à aldeia quencatejê em 1913

Akrei {227} morava em Travessia, que foi atacada por Arruda; por isso Akrei veio para cá quando era menino e aqui cresceu. Informa que nos Porquinhos estão os Kenpokamekrá (eu lhe tinha dito Kenkateyê e ele corrigiu para Kenpokamekra), os Krutkateiê e os Krinkatire. Estes últimos são os mais antigos no local. No Ponto estão os Txokamekrá, os Koimakrare, os Mukurukateiê, os Iromkateiê, os Krêiê. Quanto aos Ramkokamekrá, primeiro negou que estivessem no Ponto e depois corrigiu, confirmando que são do Ponto. Os habitantes do Ponto e dos Porquinhos são Canelas. Um irmão do pai de Akrei, Krãkoañ, morreu por bala do pessoal de Arruda. Para Akrei, os únicos Krahôs puros são Pãnãrã {316}, Chiquinho {329} e Joãozinho {358}. [Anotado em 18/12/1962, na aldeia de Lagoa (2.1) — D1: 605]

No dia de hoje fui em primeiro lugar à casa de Bento onde conversei um pouco com Ayoké Papré. Esta fazia um cabo improvisado para o seu facão. Fez-me uma porção de pedidos: quer pente, tesoura, quer que eu lhe traga amendoim para plantar. Disse-me ter recebido um pouquinho de Luís Baú {227}, o qual trouxe de sua viagem. Aioké é da aldeia de Travessia, que, segundo ela, foi atacada por Silvino, por Carneiro... Felipe foi tocar harmônica; e amarraram todos os cabocos de mãos para trás e um ligado ao braço do outro. Depois mandaram atirar na boca e mataram todos os cabocos com tiro na testa, tiro no pescoço, tiro no peito... Parece que algumas mulheres foram mortas a facão. Silvino ordenou: — Não mexe em cunharé não; não é cunharé homem para furtar com ele. Só ficaram as cunharés, todas sem marido, todas chorando com pena dos maridos. De homens só ficaram vivos o velho Tomás, o velho Jacó, o pai de Quain (Abílio), um rapazinho... Vêm para cá, passando por Santo Antônio. Dentre aqueles que vieram de Travessia se contam: Luís Balbino {1120} (chefe, morto no ataque de Santiago), a mulher de Ambrosinho, Luís Baú, Papré (a informante), Luís Cavalcante (marido de Papré), a mãe de Papré...

Contou-me ainda Papré que a mãe de Hoiat (Hoiat era mãe de Papré) era Hapôk; o marido de Hapôk era Homren. Homren casou depois com outra; foi morto por cristão lá em Travessia. [Anotado em 28/12/1962, na aldeia do Abóbora (2.1) — D1: 660-1. No meu diário dei primeiro o nome da informante como Ayoké, que substituí, riscando, por Papré, o nome de sua mãe. Mais adiante aparece Ayoké de novo. Em outra anotação digo que Papré é Papec. Enfim, Papré {344} e Ayoké {343}, mãe e filha, viviam na mesma casa].

Kupen {9} não sabe os nomes dos que fugiram de Travessia para cá. [Sua irmã] Huku {4} já nasceu aqui: deve pois ter 50 anos ou menos. [Este obscuro texto parece dizer que Kupen era de Travessia; e a genealogia dada por ela que precede esta observação faz supor que as mulheres ancestrais do segmento residencial 9 também eram de lá. Anotado em 8/12/1963 na aldeia do Posto (1.1) — D2: 545]

Ataque de Tavares

Conta Manduca [morador de Itacajá] que no tempo de Agostin Soares um grupo Krahô foi até a Serra Geral, fronteira com Piauí e lá sofreu uma ataque a bala de um fazendeiro morador daquela região, morrendo vários. O fazendeiro queria vir atacá-los aqui, mas Agostin Soares disse-lhe que os que tinham sido mortos lá, estava bem, mas que ele não viesse atacá-los aqui; o fazendeiro respeitou Agostinho. [Anotado em 8/1/1963 no Posto Indígena Antônio Estigarríbia, com base em conversa em dia anterior em Itacajá — D1: 715]

Contou [Coriolano, morador de Itacajá] que há muito tempo para lá do Pitoró havia uma aldeia de índios cuja tribo não sabe identificar. Eles matavam continuamente gado de Caetano Tavares. Este pedia, oferecia gado de presente, mas aí que o roubo de gado piorava. Ora, Caetano Tavares tinha um filho que freqüentava muito da aldeia. Mandou-o com um carregamento de pinga, que ele ofereceu aos índios, fê-los beber, retirando-se depois, mais tarde, furtivamente. Caetano Tavares de madrugada atacou a aldeia e não escapou ninguém a não ser um índio que estava caçando e era afilhado de Caetano Tavares. Mais tarde apareceu esse índio na casa do padrinho e insistentemente perguntava

quem fizera aquele estrago na aldeia. E Caetano Tavares respondia que não sabia. E o índio retrucava: — Mas estão todos de goela cortada! [Anotado em 22/12/1963, em Itacajá — D2: 615-6]

De manhã fiquei bom tempo em casa por causa da chuva. Escapei até a casa do Manduca. Contou que Caetano Tavares morava em Recurso, dentro deste atual município [de Itacajá. Recentemente foi desmembrado desse município um outro, chamado Recursolândia, cuja sede está no local da antiga fazenda Recurso]. Parece que ele atacou os Krahó depois do caso dos Costa X Agostin Soares. Os índios, atacados por Caetano, correram para Agostinho. Caetano pediu consentimento a Agostinho para acabar com os índios, e este não consentiu. Manduca chegou certa vez a ver Caetano, que estava dizendo: — Se ainda tem índio nessa terra o culpado é o Agostinho. [Anotado em 16/12/1963, em Itacajá — D2: 630-1]

O perene sentimento de insegurança

Na aldeia, quando perguntei a Manoel Bertoldo [371] se gostava dos moradores da área, Gregório falou-lhe em Krahó para que respondesse negativamente. Disse que o morador que faz bom para o índio ele gosta, mas o que não faz bom, ele não gosta. De fazendeiro ele não gosta porque faz fuxico por causa de gado. De plantador, também fazem fuxico. Disse que não gosta de fazendeiro porque, como agora, Leandro, do Taquari, falou que João Pinheiro e Pedro Pinheiro querem atacar a aldeia do Galheiro e o Morro do Boi por causa de morte de gado. Mas disse Manoel Bertoldo [371] quanto às providências a tomar contra esses supostos atacantes: — O Posto é que resolve, não é! Quando lhe perguntei o que faria quando do ataque, respondeu: — É noutra aldeia! Perguntei se mataria João Pinheiro se ele atacasse. Respondeu afirmativamente. [Anotado em 7/10/1963, na aldeia do Abóbora (2.2) — D2: 113-4]

A gente morava dentro do circo, diz Topu, e não respeita o governo do Rio. Queria acabar nós e é pro mó disso que kupen está entrando. Aí kupen pensando, pensando e as coisas vão falando para estacar [atacar] esses cabocos logo. Lió Soares, Ovídio e Deco querem atacar a aldeia. O governo diz a Dodanin para falar com eles que se acabarem com os índios, aviões vêm aqui com bombas. E dizem os cristãos: — E por que você não quer a gente aqui no “circo”. O governo não lembra de vocês; eu quero plantar mandioca, arroz, para nós comer. Aí eu compro sal, fumo para vocês comprarem na mão de nós. Diz Topu: Bem, eu não sou chefe, eu não sou nada, se eu fosse chefe, eu ia lá no Rio e quero saber logo como é. [Anotado em 12/10/1963, de informações tomadas no dia anterior, na Aldeia de Boa União (2.1) — D2: 136]

Se o povo dos Pinheiro atacar o Galheiro [3.1] Txuktxuk não vai socorrer; em primeiro lugar porque não sabe quando vão atacar; em segundo lugar porque não dispõe de armas em número e eficiência para enfrentá-los. Se ele, Txuktxuk, soubesse escrever, já tinha comprado um bocado de armas para os índios e revólver para o chefe, para sempre o cristão respeitar. Em Tocantínia o povo disse que ia atacar o Xerente, mas não atacou: Xerente é coragem. Por isso quer diretor nesta aldeia. A aldeia que tem diretor os cristãos não atacam porque tem sempre gente olhando. O motivo dessas apreensões é que pela semana passada o povo do Galheiro atravessou o Gameleira para o outro lado em serviço

de pesca de timbó, e matou duas cabeças de gado dos Pinheiro. Agora corre o boato que eles atacam o Galheiro e o Morro do Boi. [Anotado em 15/10/1963, na aldeia de Boa União (2.1) — D2: 164-5]

Ambrosinho esteve me dizendo à noite que tinha ido à casa de Passarinho, amigo velho, que dava de comer na mesa. O Abílio em Sta. Maria é o melhor. Sempre dá de comer. O Dico também é bom. Disse que no dia em que os cristãos quiserem atacar, ele sai na sua burra, forte e gorda, escondido, e vem avisar à aldeia. O Ovídio sempre dá de comer. O prefeito é bom, dá também, mas agora é pobre porque tem de ir longe fazer operação. Mas o resto de Sta. Maria não dá comida como Francisco Respano, por exemplo. {Anotado em 16/10/1963 com base em conversa do dia anterior, na aldeia de Boa União (2.1) — D2: 170}

Topu estava grandemente preocupado com notícias de ameaça de atacar a aldeia. Hilário e Teodoro estão dizendo que João e Pedro Pinheiro estão esperando minha saída da aldeia para atacarem a aldeia. O povo do Ambrosinho não furta gado, só se for de outra aldeia. [Anotado em 18/10/1963, com base em conversa do dia anterior, na aldeia de Boa União (2.1) — D2: 178]

[Ainda informa Topu:] Xavier e A. da Silva querem ir ao Rio para buscar ordem dura do governo [para retirar os invasores da terra indígena]; porque qualquer coisa que desaparece é o caboco que apanha. João Noleto [chefe da aldeia 3.1], aqui [aldeia 2.1], Marcão [chefe da aldeia 1.2] e Pedro Penon [chefe da aldeia 1.1], porque são danados para furtar serão atacados quando eu (JCM) sair. Mas Xavier e A. da Silva têm medo de sair e a rapaziada mexer na mulher dele. [Anotado em 18/10/1963, com base em conversa do dia anterior, na aldeia de Boa União (2.1) — D2: 180]

Ambrosinho [chefe da aldeia 2.1] conta que Penon [chefe da aldeia 1.1] rouba muito do outro lado do Ribeirão dos Cavalos, pois a aldeia fica pertinho. Ambrosinho já deu conselho para afastar a aldeia mais para dentro. No João Noleto [chefe da aldeia 3.1] dizem que são muitos moradores [sertanejos]; dizem que estão agradando, dando matutagens. A aldeia do Galheiro [3.1] está furtando gado do Pedro e João Pinheiro [fazendeiros] e o povo do Taquari [agricultores de subsistência invasores da terra indígena] escutou conversa lá no Vau {Itacajá] de que vão dar fogo na aldeia. Ele põem o gado dentro do “circo” [terra indígena] mas nunca o João Noleto deu parte no Posto. Marcão [chefe da aldeia 1.2] mata gado do Posto mesmo. O gado do Posto entra no meio do seu gado e ele manda matar. O povo do Penon [chefe da aldeia 1.1] já matou duas vezes o gado do Marcão, mas este foi lá tomar espingarda, tomar facão e o povo ficou com medo e não matou mais. [Anotado em 18/10/1963, com base em conversa do dia anterior, na aldeia de Boa União (2.1) — D2: 186]

Contou-me o velho Baú que o carapina de Sta. Maria contou a Gregório que o povo de lá só estava enganando para mim, dizendo que gostava dos índios, que davam coisas para os índios. Na verdade Lió e Ovídio pretendem acabar com a aldeia. O Ovídio é a cabeça do povo. Ele reclama que os índios roubam gado e vai acabar com a aldeia.

[Anotado em 21/10/1963, com base em conversa do dia anterior, na aldeia de Boa União (2.1) — D2: 204]

Davi teme: a riqueza dos Pinheiro, que têm campo de avião em sua fazenda, têm avião e com ele podem jogar bombas nas aldeias. Os Pinheiro podem tomar café com o governo em Brasília e vir almoçar em casa no mesmo dia. Temem também que os fazendeiros enganem ao povo que foi o governo que mandou destruir as aldeias e que o povo adira a eles. Mundico Soares fez assim. Alguns moradores avisam aos índios que os fazendeiros já pediram o apoio deles, mas eles não vão ajudar. [Anotado em 21/11/1963, na aldeia do Posto (1.1) — D2: 416-7]

Estêvão Tavares diz que é mentira de outro morador (Inocência) de que ele está querendo armar 50 homens para atacar a aldeia. Queria que João Noleto, Aleixo e outros fossem encontrar com ele e com o acusador para esclarecer isso, mas João Noleto não foi. Entretanto, Cosme e um outro, cunhados de João Roseno, contaram para este (que contou aos índios) e dizem que provam que é verdade que Estêvão disse isso (quando estava bêbado, parece). João Roseno curou a criança de Guilherme que estava variada, com medo, fugindo de todo o mundo; por isso Aleixo permitiu que ele ficasse no “circo”. João Roseno não pediu nada pelo tratamento da criança; somente morar aqui. É boa pessoa e como não há recursos do Posto, é bom que haja perto da aldeia alguém que saiba curar. Diz Aleixo que talvez Estêvão queira mesmo atacar a aldeia porque quando o pessoal desta aldeia estava arranchado perto da casa de Estêvão, estava um sanfoneiro entre eles; três filhas de Estêvão e mais duas moças filhas de cristãos estavam lá. Ernesto (índio) quis tirar uma das filhas de Estêvão para dançar, mas ela recusou: — Não, eu não danço com caboco porque meu pai não quer. As outras duas moças, não filhas de Estêvão, dançaram. Estêvão não dá comida a índios na casa dele, embora converse muito. Mas Adlão (irmão de Estêvão), aquilo é que é amigo, ele tem coragem de mostrar tudo que tem na casa para o índio. Mas Adlão saiu do “circo”, mas vai pedir para entrar de novo. Se Aleixo fosse chefe da aldeia, ele daria licença. Adlão saiu por causa dos outros moradores: diziam que ele pensava mais nos índios do que nos “cristãos”, ele foi ficando variado e saiu. Adlão dava o que os índios queriam; os índios quebram milho dele, apanham arroz sem ordem e depois avisam a ele e Adlão ainda pergunta: — Por que não apanhou mais? Adlão nunca disse: — Não, eu só dou para o capitão. Adlão serve café e comida para todos. Mrojanon diz que vai dar jeito de “puxá-lo” para dentro do “circo”. Esteves [Estêvão] achou ruim Adlão porque era bom demais para os índios. Adlão queria ser diretor e professor dos meninos. Marco diz que ele quer professor aqui; não é o chefe que está dizendo, é ele mesmo.

O gado de Pedro Pinheiro fica no Morro do Boi; o gado de Inocência, de Benedito Botelho (de Sta. Maria do Rio Vermelho) e dos outros ficam na Lagoa, Brejo Feio, Tubi, São José, tudo na margem do Cachoeira e dentro do “circo”.

O pagamento das taxas que é feito em gado, toca a todos os índios; mas o que é pago em dinheiro, só o João Noleto aproveita.

De manhã chegaram na aldeia Gregório e Vicente. Aleixo comentou que os “kuppenahogré” quando chegam na aldeia querem ser ~~índios~~ cristãos [o que foi riscado é que parece estar correto], mas lá na casa deles querem ser cristãos.

Hilário andava aqui namorando a mulher do João Canuto, quando era nova, mas depois que cansou dela não apareceu mais. Vinha freqüentemente à aldeia. A mulher dele

sabia de tudo. Hilário fazia mesmo com que ela soubesse. Ela quase deixou o Hilário, mas não deixou.

Estêvão queria atacar os índios para desocupar o terreno e pôr os seus gados sem pagar taxa. João Roseno disse aos índios que quando Estêvão atacasse ele ficaria do lado dos índios. [Anotado em 15/12/1963, na aldeia de Serrinha (3.1) — D2: 586-8].

Tabela inicial

Sumário craô
